



Uma saga

Os alemães russos

Agostinho Both

Agostinho Both

UMA SAGA
Os alemães russos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

UMA SAGA: os alemães

RUSSOS

Agostinho Both

Agradecimento a:

Simão Diehlschneider, Karin Fester, Cesar Augusto Both, Olívia Dragon e
a todos que contribuíram para publicação deste trabalho.

Primeira conversa

Não sei ao certo de todos os motivos que levaram a querer me aproximar dos alemães russos que passavam, quando criança, frente à minha casa, e eu imaginando que vinham de muito longe, e, mal sabia, estavam logo ali. Maravilhosa é a cabeça infantil que faz de tudo uma grande poesia. Misturam-se os fatos à fantasia, e daí a realidade torna-se fantástica, mas carente de clareza. Agora, então, quero me redimir de minha ignorância, e, fugindo da fantasia, ver de perto e abraçá-los, mostrando minha crença de que a solidariedade pode ser maior. Se estivéssemos crentes da nossa fragilidade, nossas aldeias estariam melhor servidas. Se tivéssemos maior socorro uns nos outros, do que inseridos em crenças particulares, então, acredito, seríamos melhores do que somos. Tentarei, assim, tornar-me melhor, e fazer que outros possam se tornar melhores, conhecendo quem são esses alemães russos que vieram entre lágrimas e esperança, tendo sua sorte resolvida aí junto ao rio Boa Vista e outros pequenos córregos. Me agrada Platão, quando diz: *Como é verdadeiro o ditado comum, de que aquilo que aprendemos quando meninos, o recordamos de maneira maravilhosa!* Não tenho a pretensão de somente recordar, por que ainda é pouca a memória dos alemães russos. Quero me aproximar das lembranças, e conhecer melhor, rendendo homenagem àqueles que vieram perplexos de uma região da Rússia, hoje Ucrânia.

O interesse de voltar-me às recordações de minha infância consiste também na possibilidade de dizer do legado alemão-russo. Os descendentes, não importa a idade, ao saberem de sua história e das travessias de tempos e dos espaços para estarem onde estão, e do jeito que

estão, podem ter um natural orgulho de sua identidade. A narrativa de quem quer que seja não é resolvida somente em ter na consciência sua breve existência, mas na longitude dada pelos que antecederam. Gestos, palavras, sentimentos, percepções não deixam de existir, mas, quando narrados, inscrevem-se sutilmente através das gerações e da gente já falecida. Assim, os jovens, ao saberem do movimento de avós, além de terem adquirido os movimentos do espírito, podem ter a alegria de saber de onde vieram e de que estofos humanos são constituídos.

Recordando

Entre nuvens de poeira vermelha, com seus cavalos vermelhos, e alguns com seus cabelos vermelhos, vinham subindo a estrada, com a carroça e seus animais ligeiros. Mal erguido o relho, mais velozes estavam seus cavalos vermelhos. Reluziam contra o sol da tarde. Desapareciam dos olhos, mas não do coração. Outras vezes, cansados, vinham afundados no barro, tristes, mas impávidos. Os alemães russos solenes e sistemáticos tinham sua austeridade revelada, seja no olhar posto na estrada, seja nas roupas modestas de suas mulheres e nos lenços protetores na cabeça. Sessenta anos passados, e ainda estão em mim, e os vejo comprando seus riscados no venda de seu Braun. Diziam palavras alemãs mais abertas e mais cuidadosas que os moradores da Divisa. Olhava-os, temendo que se dirigissem a mim. Tremeria de medo diante de seus mistérios. Fiz uma tentativa de provar da presença antiga dentro de mim, escrevendo o conto Maxim Theodor Levonius.¹ *Quando chegava setembro, com suas brumas, vinha, entre elas, Maxim Theodor Levonius com sua parelha de cavalos fogosos. Outras carroças com seus cavalos reluzentes vinham da mesma direção. Via neles muito mais que as notícias de meu pai. Por olhá-los de longe, mais privava com eles a fantasia que o reto pensamento. Invejava-os quando vinham em suas carroças trazidas por seus cavalos lisos e fortes. Via tão pouco, pouco além das amáveis casas da Linha Divisa, mas o infatigável e temente menino se enchia de sonhos ao vê-los. Entravam em mim como a liberdade. Era um guri apenas, frente ao infinito de onde saíam os alemães russos. Eu aí a ter que controlar a vida de todas as maneiras, e eles passando livres diante da minha casa. Entretanto, não param de me instigar, descontentes por não abraçá-los de vez. Não há nostalgia ou saudades tristes, porque não os tenho mais, todavia, mais que escondidos na poeira, estão desaparecidos, pedindo um encontro. Persiste a*

¹ BOTH, A. *Contos do Envelhecer*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

imaginação do horizonte donde misteriosamente saíam, e, agora, 60 anos depois, vou ao pequeno horizonte não mais distante que 15 quilômetros.

Lembro também do pastor, que, de Santa Rosa, vinha abençoá-los, e de seu motociclo estragado. O som profundo do motor me falava de Deus. Quando criança, os sons e as cores traduzem bem mais que a realidades nelas impregnadas. Podia haver palavras de deuses nervosos ou alegrias de anjos pendurados em árvores. Confesso que vi um deles num entardecer lânguido de 1950. E os julgamentos sobre os eventos têm conteúdos místicos ou efeitos que não se conformam com a realidade. O som grave do motor fazia que entendesse ser o pastor mais amigo de Deus que de meu vigário, afinal, tinha a impressão: quem viesse de moto não tinha tanta austeridade. Minha mãe, para aumentar o mistério, disse com voz grave: é um pastor protestante! Entretanto, estava desconfiado que o representante divino dos alemães russos não se apresentava com a grandeza do vigário metido, de alto a baixo, em roupas negras. O meu vigário andava no seu solene Ford-29, bem mais apresentável que um motociclo que falhava na estrada. Por muitos anos, vinham eles determinados a se revelar. Não estava disposto, em razão das atividades acadêmicas. Aposentado, começaram as suas conversas abertas e sinceras. Resolvi saber quem eram. Os amigos Simão Dihelschneider e seu irmão Aloys, de origem alemã-russa, me prometeram levar a uma velho, diziam, mais legítimo que eles. Teria ele mais condições de dizer das memórias deste povo, e ele próprio seria um protótipo da história e da velhice nele retratada. Como nada sabia deles entrei na Internet.

Fiz funcionar o Google, começando a pesquisar com alemães-russos. Imediatamente, surgiram os alemães russos do Volga. Vou descobrindo a saga dos menonitas. Holanda, Danzig e o sul da Rússia, as estepes ao longo do rio Volga. Inicialmente, pensei que eram os menonitas que vinham com seus cavalos. A vinda desses alemães russos, mais austeros na crença que todos os outros começou, no Brasil, a partir de 1920, por não mais suportarem a violência da ideologia russa. Acima da pátria e dos bens da terra tinham a Deus – em toda a extensão – acima de todas as coisas. O Simão que mora na Linha Divisa, um bom católico e sem

a austeridade dos menonitas, me encheu de dúvidas: e seriam os alemães-russos de minha infância os mesmos seguidores de Meno? Que importa, pensei, vou vê-los de perto. Disso falo com certa clareza, uma vez que quero compreender quem são, porque conhecendo-os posso ter melhor minha alma uma vez que pouco se diz deles e, em não sabendo quem são, perco o principal. Tenho a impressão, e a única certeza, de que o melhor de mim está nos outros, e eles, a quem procuro encontrar, dirão melhor sobre quem eu possa ser e existir. Depois, aprendi que os alemães russos de minha infância nada tinham em comum com os menonitas.

Começa a desmaiar a tarde e brilhando ainda o sol no horizonte, e nessa hora decido, com certa veemência, encontrar a minha própria velhice, sabendo deles e de como apreciam em sua história esse tempo de vida. Talvez tenham eles notícias melhores que aquelas com as quais lidamos com o tempo tardio das pessoas. Assim, descobrindo quem são e como olham para os mais velhos posso estar mais contente comigo e com meu projeto de vida. Não importa se são católicos em busca de salvação de seus filhos, ou se menonitas, ou como protestam, ou como amam o seu Deus. Quero saber como praticam sua humanidade, o que têm de lembrança do povo que os trouxe, e o que podem trazer de bom para todos. Passados os dias de árduo tabalho que enterram as lembranças, quero agora resgatar o que estava escondido. O tamanho existencial da raça humana, expressa nessa gente, não me será indiferente. Quero ver se é possível desenhar a beleza da alma humana neles escondida. Se as rosas e as manhãs, se as chuvas e as poeiras estão neles como suaves prestações em líquidos, sementes e cores: vou colher todos os sentidos – aqueles vistos com nitidez por eles e os escondidos debaixo das palavras. Vou comungar com seus vivos e falecidos.

Manhã de sol e a triste lembrança

Manhã clara de dezembro, o pintassilgo anunciava o sol que subia em Santo Cristo. Simão vinha me visitar para começar as conversas sobre os alemães russos: um livro viria me dizer de onde veio aquela gente, espantos de minha infância. Esmeros necessários se faziam em mim, respeito para quem viera, desvendando dia-a-dia os segredos de quem não suporta a miséria e menos ainda a humilhação. Acredito, sinceramente, que sai de sua casa somente quem está com sua alma enxovalhada. Cabia, então, em mim, admiração a quem não mediu esforços na renovação de costumes, de língua, arrostando sustos e assombros. Simão veio, mas tinha na garganta uma angústia. Saudou meu irmão Bento, depois ficamos por conta de nossas intenções. Veio expressando uma dor oculta que o matava.

– Augustinho, disse, até hoje não vim falar com o Bento sobre a Orlene². *Mensch*³, isto me dói muito.

Chorava em baixo soluço, e eu o consolei:

– O Bento é forte, a perda deixou ele muito triste, mas a fé que tem faz com que suporte a morte da Orlene. Consolou-se um pouco, com o pouco consolo que eu podia transmitir, mas seu suspiro foi fundo. Deduzi que para ele a perda seria um peso insuportável. Pensamentos faiscavam. É um homem capaz de apreciar o que significa andar sem destino. É um gigante que foi agricultor, ferreiro e marceneiro. Endireitou ferros, fez carroças de passeios e de roça. Nenhum ferro ficou sem tomar a forma de suas intenções. Sorri satisfeito, vendo-o sentimental. Pois é, ainda disse-lhe.

² Minha sobrinha que falecera em maio de 2008. Em tudo, havia a dor da perda.

³ Homem, [“cara”].

– Ela foi a maior dor que tive até hoje, mas a morte espreita sempre. Basta uma pequena oportunidade que ela vem sem licença. Ela é mal educada. Simão sorriu. Sua palavra revelava a memória de uma linguagem, imitando a abertura sonora das falas dos alemães russos vindas da linha Mirim, de Dois Louros, da Linha 13, diferente dos outros moradores da Divisa.

– Pois é Simão, acho que o Bento falou sobre meu interesse em registrar alguma coisa sobre a vida dos alemães russos, que moram perto da Divisa. Quem são, como vieram, suas vidas e trabalhos, e outras informações que possam revelar.

– Eu também poderia te dizer algumas palavras, mas meu pai hoje é falecido, e quando vivo nunca busquei saber nada do passado dele. Nem sei por que sou católico e a maioria deles é protestante. Todos daquela região são meus amigos. Acho que vou ajudar um pouco. Vou conversar com eles.

– Não tenha preocupação, podemos falar com alguns idosos que ainda estão vivos. Acho que alguns deles fizeram a viagem da Rússia até aqui.

– Isso é meio difícil, mas podemos encontrar algum filho que vai ajudar a gente, completou Simão.

Expliquei-lhe sobre o que sabia sobre eles. Tracei o caminho do tempo e do espaço dos alemães russos do Volga e a história da excelência religiosa e agrícola dos menonitas. Ainda pensava sobre os discípulos de Menno [Simons].⁴

Simão falou do costume de apenas batizarem quando adultos.⁵ Nesse momento, lembrei a história de Menno, o bom anabatista que radicalizou sobre o Evangelho. Em mente, acompanhei a peregrinação dos

⁴ Discípulo de Lutero, todavia ainda mais ortodoxo nas questões evangélicas.

⁵ Simão referia-se ao costume religioso dos batistas. Os outros praticam a cerimônia do batismo como os católicos.

menonitas saindo da Holanda, atravessando a Alemanha, e chegando ao Volga, tendo como promessa da czarina Catarina II a garantia de identidade religiosa. Acreditei, mais uma vez, sobre a importância de terem a fé absoluta. Levavam consigo, mais que promessas de trabalho para garantia de vida de seus filhos: uma fé e os costumes evangélicos. As tempestades em suas andanças eram superadas com serenidade pela força vinda da crença. Olhei para a figura serena de Simão, e nele os homens crentes de Menno. O católico Simão tinha a caridade deles, embora mais suave na crença. Pensei distraído: como é possível ferir um ser humano como foram feridos aqueles que não puderam ficar onde queriam. Lembrei também dos diabos portugueses e espanhóis expulsando os índios logo aí adiante, nas missões. A violência esparramada!

Naquela manhã mostrei a ele de meu querer revelar quem eram os alemães russos de minha infância. Busquei convencê-lo do valor de ele também ter a alegria de saber seu passado. Cheio de boa vontade, falou:

– Tem o velho Gertz, que pode ajudar a gente, e não é muito longe onde ele mora.

– Veja Simão, se conseguir falar com o velho Gertz, vou ficar muito bem por saber da história de tua gente. Tem mais, Simão, com esse velho vou conhecer também o jeito dos alemães russos lidarem com a velhice e com os mais velhos. Ele falou categórico:

– Augustinho, pode contar comigo!

Era dezembro, tendo meu irmão como testemunho de um jeito sobre-humano de lidar com a morte, e, tendo Simão companheiro de uma história, firmei o propósito de revelar a grandeza deles.

Abracei-o, confirmando o meu retorno para janeiro. Tempo de visitar o velho Gertz.

Surpresas de janeiro

Havia três intenções na visita de janeiro: ver meus irmãos, comungar com o Bento e a Nila em nossas dores e falar com Simão. O velho Gertz não me saía da cabeça.

Visitei meus irmãos, abracei o Bento e a Nila. Minha esposa Solange ficou com os dois, e eu fui conversar com Simão. Bento me alertou: o Simão não vai poder te acompanhar até o velho Gertz.

– O que houve?

– Ele voltou ontem da cirurgia. Ele pôs prótese no fêmur.

– Então vou fazer uma visita.

Lá me fui ver o homem. Encontrei Frida, sua amável senhora, muito fragilizada. Sofrera, poucas semanas antes, de uma isquemia, deixando-a fraca de corpo, e angustiada de alma. Olhei-a com ternura, sabedor de sua bondade. Encontrei Maria, a filha de Simão, que veio buscá-lo, e cuidar melhor do pai, em Itaqui. Levou-me até o quarto. O Celino, vizinho, ajudava Simão a se mover.

– Então, Simão, te acertaram?

– E como. Maria, mostra pro Augustinho o pedaço que me tiraram.

Lá veio ela com um vidro, e dentro a cabeça do fêmur. Não me agradou ver o que estava fora de lugar. A intimidade do corpo arrancada, e toda machucada. O rosto, por certo, mostrou meu desprazer.

Não demorou a que os alemães russos presidissem nossa conversa. Simão falava alegremente sobre histórias e mais histórias. Narrou-me sobre carruagens e cavalos. Celino também tinha notícias deles. Tanto a Simão como a Celino, as lembranças fortes expressavam o cuidado

deles para com seus cavalos e carruagens. Este revelou a lembrança de trinta anos atrás.

– Passavam junto à nossa casa. Vinham a Santo Cristo para realizar o casamento civil ou iam visitar parentes em Alecrim. Num certo dia, pararam frente à nossa casa, pedindo água. Minha mãe trouxe-lhes um balde cheio. Para surpresa minha e de minha mãe, primeiro deram de beber aos cavalos. Minha mãe, muito admirada falou.

– Trouxe a água para vocês!

– Senhora, quem está cansado de puxar a carruagem são os cavalos, um deles disse.

Depois tomaram da água, agradeceram, e seguiram viagem.

Simão interveio.

– E quando vinham para se casar, era de ver os enfeites dos cavalos. A jardineira, que chamavam de *Federwagen* [carroça com molas], era diferente daquelas dos outros colonos. Além dos cavalos, amavam o Deus da religião que tinham. Deus, a família e os lindos cavalos, e era tudo para eles.

Simão continuava animado:

– O casamento se fazia com uma festa de três dias. Os noivos sofriam na mão dos convidados. Da igreja até a casa, onde a festa era realizada, eram postas barreiras com troncos de árvores. Os noivos deviam trabalhar para afastar pedras ou troncos de árvores. Tem mais, e é interessante de ver. Os crentes da crença batista batizavam os jovens aí no riozinho da Linha Mirim. O rio tinha um poço fundo. Nas margens havia árvores bonitas. Os galhos faziam sombra nas águas limpas. O pastor tomava seus fiéis, dobrando-os dentro das águas. Assim eram batizados. Não posso deixar de lembrar uma história de uns garotos muito divertidos. Eram poloneses muito alegres que em tudo e até nas coisas de Deus faziam graça. Num sábado, antes da cerimônia do batismo, eles modelaram, em

argila, uns bonecos, pondo cachimbos na boca. Numa tábua escreveram: *Também nós gostaríamos de receber o batismo, mas não queremos que nossos cachimbos se apaguem.*

Rimos todos da forma de Simão narrar a história dos bonecos e seus cachimbos.

Maria, atenta à posição de Simão sobre a cama, falou:

– Pai, o senhor não pode pôr seu pé direito sobre o esquerdo. Esqueceu das recomendações do médico?

As palavras saíam-lhe claras, sem qualquer sotaque. Despojavam-se nelas os resquícios do som aberto, próprio das falas de origem. Lembrei da menina que fora Maria e, em férias do seminário, carregava-a sobre meus ombros, em pescarias que a gurizada fazia nos riozinhos da Divisa. Falava de seus filhos casados e da presença carinhosa do temporão. Vibrava por vê-la orgulhosa de seu menino de 12. Admirava a clareza de ideias e a segurança com que o piá se movimentava entre os adultos.

A grande surpresa foi ouvir de Frida:

– Vocês estavam falando dos cavalos e das carruagens dos alemães russos. Augustinho, você sabia: quem fabricava as *chessie* era eu e o Simão?

– Não sabia, Frida. Quando mais jovem, via o Simão malhando ferro e lidando com aros de rodas, mas não tinha ideia que fazia carrocinhas.

– Era eu quem fazia os acabamentos. Era eu que costurava as lonas para a cobertura e as laterais. A pequena janela de trás eu fazia também.

Aí entrou Simão, com voz comovida por lembranças.

– Eu tinha dois trabalhos, o de ferreiro e de marceneiro. Tenho ainda os moldes das laterais de madeira. Ouvindo eles de como queriam,

fiz um modelo com pequenos quadrados que, depois de trabalhados com formão, ficavam muito bonitos. O que mais custava era fazer o molejo. As carroças eram mais simples de fazer, mas as carrocinhas de passeio davam muito trabalho. Dei muita alegria pra eles. Saíam aí da ferraria muito faceiros com os cavalos que brilhavam.

– Pai, nós temos os moldes no girau, Maria falou.

Fui ver, e senti, com emoção, o descanso dos moldes.

Ao voltar pra dentro da casa de Simão, havia um silêncio dentro de mim. Avaliei que era tempo de Simão descansar, e sua família preparar a ida para Itaqui.

Ao despedir-me, entreguei a Simão um conjunto de ideias que poderiam provocar lembranças no velho Gertz. Completou seu interesse.

– Augustinho, vou falar com o pastor deles também. Acho que ele poderá ajudar ainda mais. Em março, vou buscar contigo o que os velhos alemães russos sabem da história deles.

As surpresas de maio

Voltei em março, para ter de Simão as notícias dos seus conterrâneos. Meu amigo ainda se recuperava da cirurgia do fêmur. Isso significava que poderia somente voltar para o início de maio. Recomendei que, ao ter com o seu Gertz, já pudesse provocá-lo com algumas perguntas a mais.

Retornei em 30 de abril, quinta feira, pelo fato de poder estar com Bento e Nila, pois fazia um ano de falecimento de minha sobrinha Orlene a ser lembrado dia 3, domingo.

Trazia um gravador e fitas para gravar as conversas com meu imaginário amigo Edwin Teodoro Gertz. Fui, à tarde desse dia, conversar com Simão sobre a realização das entrevistas com ele. Em casa de Simão, conversavam, ele, seu irmão Aloys e o prof. Celino. Disse-me, então, Simão:

– Augustinho, tive muitas outras ideias. Descobri uma sobrinha do seu Gertz, ela também escreve sobre nós alemães russos da Linha 13.

– Vamos ver, então, onde ela mora.

– Ela mora um pouco mais longe, lá na linha Pederneiras. Isto já fica no município de Cândido Godói.

– Você me leva até lá Simão?

– Levo

Me voltei para o Celino e falei:

– Já escrevi sobre os cavalos dos alemães russos que passavam na estrada de tua casa.

– Pois é, lembro bem! E até do movimento da cabeça deles. Quando satisfeitos de tanto beber, jogavam com força a cabeça para trás, molhando o pescoço suado. Lembro dos pingos que brilhavam contra o sol. Depois, os alemães russos bebiam da mesma água, no balde que os cavalos beberam. E diziam: “eles merecem mais que nós”. Eles vieram de longe e ainda mais longe eles vão. Iam visitar os parentes deles em Alecrim.

Conversamos mais um pouco, e ouvi ainda de como Simão veio morar na Divisa.

– Sabe, Augustinho. Eu vim morar na Divisa por causa do velho Braun. Eu criava porco, e, duas vezes por ano, ele vinha buscar os meus animais gordos. Mas quando eu era jovem, tinha aprendido de ser ferreiro. Quando nós vamos para conversar com o Gertz, eu vou mostrar onde aprendi tudo que fiz. Como ia te falando, o Braun quando vinha buscar os porcos sempre me insistia de morar na Divisa para ser ferreiro. Ele foi um pai para mim. Aí eu vim e me instalei bem onde o Külzer Edmund tinha a ferraria. Fazia de tudo, mas às vezes não tinha comprador, e nem sempre precisavam do meu trabalho. Pra você ver como o velho Braun me ajudava! Quando nenhum dos alemães russos comprava minhas carrocinhas de mola, *also Federwagen*, o velho Braun comprava, e me ajudava a negociar minhas carrocinhas. Assim eu ia me defendendo. Oiê, *sei ruhig*⁶, se não fosse ele, eu ia passar mal.

Quase fazia noite, e o vento seco ressecava ainda mais as folhas murchas de todas as árvores. Fazia dois meses sem chuva, e a noite não fazia promessas. Me despedi, e ficou acertado que às 8h do dia seguinte, dia 1º de maio, iríamos entrevistar o seu Gertz. Mal sabíamos que o silêncio habitava os lugares da Linha 13. A poeira levantava, apagando esperanças. A Divisa estava feia, com os dois meses de seca. Lembrei de

⁶ Fica quieto.

Heráclito: *A harmonia invisível supera a visível, pois que até o seco verdece.* Mas que chova antes que a bergamoteira venha a perder o viço de sua natureza.

Fui ver como estava meu irmão Carlos, e depois jantamos. Estávamos jogando canastra, quando chegou o Bento do ensaio de canto para que a missa de domingo lembrasse devidamente a morte da filha Orlene. Chegou dizendo:

– Sabe, tenho a impressão que você não vai entrevistar o velho Gertz.

– Brincadeira! Faz pouco falei com Simão. Ele acha que o seu Gertz foi para Santo Cristo.

– Foi, e não voltou. Ele faleceu!

Fez-se silêncio mais dentro de mim que no ambiente. Pensei: quem sabe se o seco não verdece?

Imediatamente resolvi participar das exéquias do velho alemão russo. Por certo, quando menino, tantas vezes vi passar por mim um homem vigoroso com seus cavalos bem aparelhados. Arrefeceu-se o ânimo do jogo. Fui dormir com o seu Gertz silencioso dentro de mim. A minha preocupação era de o Simão não querer participar do enterro, pois assim poderia encontrar toda sua gente, e ainda teria o benefício do seu Gertz ainda que morto. Mal dormi. Minha curiosidade era grande. Será que a sobrinha escritora das coisas deles estaria lá? Eu não seria inconveniente perguntando sobre a vida diante da morte?

Manhã de dor e sol ardente

Era manhã de muito sol, e das mesmas poeiras. Não eram bem 8h. Foi quando cheguei à casa de Simão. Minimizou-se minha tristeza ao saber que também ele queria ir ao enterro do velho Gertz. Enquanto ele se ajeitava, percebi que minhas roupas estavam muito esportivas para rezar por Edwin. Desculpava-me, pois eram das circunstâncias toda culpa. Prontos, partimos na direção do horizonte donde vinham os alemães russos de minha infância. A primeira parte da estrada era conhecida. Andava aos domingos brincando com meus amigos de infância. Por aquela direção moravam os Müller e os Kaufmann. Depois, a cada metro descortinava-se o horizonte das terras e suaves elevações. Predominava o cinza das palhas da soja recentemente colhida. Pulsava o meu peito por pensar encontrá-los de uma vez. Que viagem! Então era por aqui que eles passavam... Por certo, entre árvores altas, e não como agora onde a terra nua mostrava o dorso sem nada esconder. Não havia mais o pudor escondendo a intimidade das matas. Era também por aqui que o pessoal da Divisa ia até Guarani, para buscar os mantimentos. Mal havia iniciado a viagem ao encontro deles, e já divisei não mais suas carrocinhas e seus cavalos fortes, mas somente carros de todas as marcas. Meu Deus, como moravam perto os alemães russos! É como, quase, se fizessem parte do meu quintal. Chegamos, e a tristeza movia o coração para um silêncio constrangedor diante da morte. Não saberia dizer se assim era por causa da perda do velho morto, ou porque era este o caminho de todos. Aí bem perto estava o cemitério para dizer que ninguém escaparia. De minhas antigas lembranças, só a poeira vermelha, nada de cavalos vermelhos, dos homens e mulheres, junto à igreja, ninguém de cabelo vermelho, nada mais das carroças com seus animais

ligeiros. Apenas carros e mais carros. Simão, mais atento às minhas intenções, foi falando:

– Vou perguntar se a sobrinha dele veio. Aí você pode conversar com ela.

Estava quieto, e nada perdia, desde a pequena igreja ao silêncio dos falecidos; chamou-me atenção o cemitério, com suas pedras erguidas e bem feitas. Pensei: se àqueles que partiram, nada mais se pode fazer, são dedicados cuidados, possivelmente tenham em questão muito boa os velhos destas colônias. Fui me aproximando com respeito. Todos bem vestidos, e eu com a camiseta do SESC com a inscrição: *maturidade ativa*. Tudo a ver com os acontecimentos. E aí o silêncio respeitoso. Nunca desejei tanto uma camisa decente. Entrei com cuidado, pois no caminhar respeitoso queria minimizar o efeito de minhas roupas. Me dirigi para frente onde estava a quem procurava fazia meses. Confesso que estava pesaroso. Quietamente estava meu gravador no carro, e quieto a quem entrevistaria. Nunca havia visto um alemão russo falecido, e o primeiro era com quem queria falar. Queria perguntar, e ninguém para responder. Pedi, confesso, sem muita convicção, que Deus o tivesse melhor do que comigo. Que as questões infinitas fossem fáceis para ele, pois já havia respondido tantas entre muitas dificuldades. Simão passou por mim, e foi ter com um dos filhos do Gertz. Falou de minhas intenções, e se, acaso, a sobrinha dele estava aí. Admirei a serenidade de seus rostos. Imediatamente, um deles afastou-se dos irmãos, e, entre os que oravam em silêncio, procurou aquela que podia dizer melhor sobre a vida deles. Era retilíneo como os outros irmãos. Avaliei pelo tamanho do filho, o tamanho do pai. Chamou a mulher, retilínea também. Saímos compungidos, eu e ela, da igrejinha. Fui falando a que viera. Estava pesaroso com o acontecido. Ela ainda perguntou se queria conversar agora. Disse que me sentiria melhor se pudesse primeiro participar da cerimônia

das despedidas. Solicitei pelo seu nome. Respondeu: Karin Angélica Fester. Entramos.

As despedidas

Me confessava um pouco envergonhado. Estava curioso sobre a condução das exéquias. Mais: era a primeira vez que participava de um evento com os evangélicos. Eu católico, embora pouco devoto, queria estar sinceramente com eles. Dividia meus sentimentos entre a dor de não poder falar com Edwin, a dor de ver a tristeza de seus filhos, e os procedimentos que cumpriam para assimilar a mais grave das despedidas. O que fariam para minimizar a tragédia dos laços rompidos? Veio o pastor, quase um menino. Apresentava-se de batina e um pequeno peitoral branco dividido ao meio, semelhante aos peitorais que os irmãos lassalistas usavam antigamente, ou seriam os maristas? Isso que põe no peito deve ter um sentido que passa pela pureza de intenções e nobreza de sentimentos. O que não podia era perder o cerimonial. Nenhum sentimento alterado, nada que indicasse dor suprema. Quase estoicos, ouviam o pastor. Palavra por palavra, canto por canto, fui divisando a crença absoluta de outra vida. Todos mergulhados no destino mais claro e definitivo do Edwin. O sofrimento da perda e do vazio conseqüente era pouco comparado ao que mostravam em sua fé. O pastor, sereno, confortava, começando seu discurso com o poético salmo 103:

Compassivo e misericordioso é o Senhor; tardio em irar-se e grande em benignidade. Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades. Pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua benignidade para com os que o temem. Quanto o oriente está longe do ocidente, tanto tem ele afastado de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó. Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois,

passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais. Mas é de eternidade a benignidade do Senhor sobre aqueles que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos, sobre aqueles que guardam o seu pacto, e sobre os que se lembram dos seus preceitos para os cumprirem.

O pastor, todavia, apesar da fé, não esquecia da tragédia da morte e de seus mistérios. Discorreu sobre a finitude humana. Ressaltou o abandono em que a família se encontrava, por mais solidariedade que encontrasse. Mostrou o que aconteceu com Cristo: *Pai, mau pai por que me abandonaste.* Acentuou a fugacidade da juventude: *Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais.*

Lembrava então de um texto que havia escrito sobre a igreja católica, e tão bem caía nesse momento:

Convém ainda destacar a presença da igreja local diante da morte. As dores da separação de pessoas, de suas famílias e de suas comunidades, não raras vezes, podiam chegar ao desespero, mas a Igreja apontava para a esperança e um sentido de permanência pela fé na transcendência. O efeito devastador da morte sempre foi minimizado pelos rituais de despedida carregados de sinais indicativos de solidariedade e de leituras que apontavam para a imortalidade.⁷

Seu discurso era entrecortado com cantos. Três cantos em alemão. Pensei: vou buscar quem os traduza. Provavelmente foram trazidos das estepes ou da Alemanha, e traz uma carga representativa da origem de seus costumes. Perguntei ao jovem de meu lado. O que dizem no canto? Vi tudo. A gurizada está perdendo a sua originalidade. Dirigiu-se para o lado onde havia um senhor de meia idade. Baixinho me disse. O canto fala de viagem. Pensei com certa dose de humor: põe viagem! Depois me recolhi, e me abatiam certas ideias. Como demorei a encontrá-los! Mal se faziam 15 quilômetros e toda a minha infância estiveram longe de mim. Duvidei da conduta cristã de ambas as partes, da minha e da deles. Não fazia sentido

⁷ Klein, O. J. & Both, A. *Diocese de Passo Fundo 50 anos*. Erechim: São Cristóvão, 2001.

nenhum que não tivessem crescido ao meu lado. Passaram por minha casa silenciosos, cheios de vida, e deles nada colhi. Eram estranhos seres e quase fazendo parte do meu pátio. Agora, pela primeira vez, juntos, mas diante da morte e de um pastor que os animava para que a fé não esmorecesse. Me abatia a pouca caridade e a muita fé. Notável para mim foi o momento em que o pastor leu como que para que soubessem para quem rezavam. O pastor se pôs a ler em voz mais alta, e eu a cada sentença refletia:

Edwin Teodoro Gertz: Teodoro também é o nome da figura do conto acima referido, mas Edwin e Gertz nada têm a ver. Pensei, meu Deus, como não sabia que haviam mantido de forma radical tudo que lhes pertencia. Imaginei a mesma leitura feita nas estepes, enquanto o vento roubava a voz dos pastores. Hoje, é certo, nada mais resta dos falecidos, e não há vento que lembre deles. Onde fui tirar o Levonius de meu conto? Claro, não sabia nada deles. De fato, as ideias são apenas sombras da realidade, bem como quer Locke.

Nascido em 1926: provavelmente seu Edwin Teodoro não veio da Rússia, embora muitos deles ainda vinham, em 1929.

Casado, em 1956, com a senhora Fester: Exigente o homem, pelo jeito, custou encontrar sua companheira. Um alemão russo ficar sem companheira durante 30 anos...

Teve 10 filhos, cinco homens e cinco mulheres: quanta gente. Como são eles? Como teceu o caráter deles e delas? A retidão das crenças faz homens e mulheres terem poucas dúvidas e direção sem voltas.

Profissão, agricultor: como a maioria de seus antepassados. Aprenderam a espalhar sementes, e colhê-las dobrados sobre elas.

Faleceu no dia 30 de abril de 2009 de derrame digestivo: como as crianças da Divisa nos anos de 1934 e 35. A morte não perde nenhuma chance.

Concluída a cerimônia, o pastor convidou a comunidade a se despedir de Edwin Teodoro Gertz. E depois que os familiares fizessem o mesmo. Falei mais uma vez com Karin, juntamente com Simão. Os pais dela convidaram a que fôssemos até sua casa em Linha Pederneiras, em Cândido Godói. Olhei para Simão a ver se ele estaria disposto a mais essa. Disse que sim. Tomou o endereço das estradas que conduziriam até a casa do seu Fester. Depois seguimos ao cemitério.

Agora via de perto as pedras erguidas e as inscrições dizendo das virtudes, da identidade, das confissões que presidiram a vida de quem aí havia sido enterrado. Depois os procedimentos eram como na minha infância. O falecido levado ao fundo com cordas que se prendiam a ganchos. Pelo menos evitaram o som soturno da terra. O pastor mais uma vez leu solenemente a identidade e a mortalidade de Edwin, para que todos soubessem a quem estavam enterrando. Eu olhava para os filhos diante do pai que descia. Estavam solenes, e nenhuma emoção os superava. Estavam como uma rocha diante da tempestade. Avaliei que assim procediam por causa da fé. O pastor confirmava mais uma vez a mortalidade e a certeza de outra vida, dizendo aos filhos que tudo era para até breve. Depois dirigiu-se a eles, abraçando-os. Tomei o seu *e-mail*, para que posteriormente pudesse me comunicar para aprofundamento da vida dos alemães russos. A viúva estava humilde, e sozinha estaria em sua casa, depois eu saberia, com uma filha com limitações físicas. Surpreendente foi a curiosidade de alguns deles quando Simão revelou a razão de minha presença. Ficamos entre os túmulos, e ouvia de um deles uma surpreendente revelação. Ele narrava as lembranças de sua avó. Também avaliava que não saíram da Rússia por causa da primeira guerra, mas por razões de suas crenças e da revolução russa. Busquei saber dele se sabia dos menonitas. Confirmou, mas adiantou-se dizendo que outras levadas de alemães haviam se dirigido para as terras de Wolhynien, hoje Ucrânia. O pastor Schmechel, ao se despedir,

ainda brincou, ao ser-lhe dito que em Santa Rosa havia um fotógrafo Schmechel. Perguntou-lhes se era elegante. Responderam que sim. Riu-se de uma sincera alegria: então, tem mais um bonito na família! Avaliei que a hora da morte é circunspecta, mas depois a vida merece suas virtudes, entre elas o bom humor.

Voltando para a Divisa

Não havia nada mais a fazer naquele dia. Mil ideias rolavam velozes. Tinha agora a certeza de onde vieram. Wolhynien então era a região. Pensava mais: não é a mesma região das planícies do Volga? Deixa estar, dia 4, segunda, vou com tudo mergulhar na Internet. Falaram ainda que era em função da guerra é que vieram para cá. Pensava diferente. Em razão da guerra não podia ser, pois muitos alemães já saíam antes de lá, antes de 1914, e a Rússia não podia dispensar a produção agrícola e a boa engenharia de máquinas – era de todos sabido – constituíam importante lucro para as divisas russas. Todavia, os pobres sempre foram bucha de canhão, não importa onde. Minha hipótese maior era a de haver uma grave indisposição da política interna contra eles. Mas não era essa a minha motivação no momento. Poderia ver isso mais tarde.

Agradei sinceramente ao Simão e ao Aloys.

– Sabem que estou muito contente pelo favor de me trazerem para cá.

– Isso não é nada, falou Simão.

– Para mim é muito. Cheguei tão perto daquilo que me estava distante desde a infância. Os alemães russos que passavam em silêncio perto de minha casa, quando criança, agora conversam de diversas maneiras dentro de mim.

– Amanhã, Augustinho, tu só vai ver, tem ainda mais.

Um silêncio de dez minutos se fez, e eu estava comovido, estando comigo dois alemães russos católicos, comprovando que havia grandes levas e de diferentes crenças para a Rússia. Já não me importavam os menonitas que tinham ido para as planícies do Volga.

Comovia-me o sentimento da maior solidariedade. Meditava sobre o pecado dos diferentes credos que faz afastar pessoas boas. A celebração em torno do seu Gertz poderia conter a suave oração do pessoal da Divisa. Qual o sentido ainda de estarem cada qual no seu canto orando em diferentes igrejas?

Se Lutero pretendia corrigir, e com razão, os desvios da igreja, já era tempo de voltar ao tempo da fraternidade. O menino que fui abraçaria os alemães russos, suas carroças e seus cavalos, não havendo nada superior que essa verdadeira e maior devoção. Deus não carece de nossa força e diálogo. Seus filhos sim, que frágeis perambulam com sacrifício de um lugar para outro. Todavia, diante da morte, eu vi, o quanto Deus *Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó.* Assim é bom ter onde por a nossa cabeça diante do mais absoluto abandono. Todavia, se pudessem repousar sua pequenez nas mãos uns dos outros, por certo, teriam melhor destino.

Já chegava na Divisa. Breve era o tempo de meditação. Pouco mais de 15 minutos era o tempo, pouco mais de dez quilômetros era a distância, que nos separava, e eu, pela primeira vez, fui ter com eles. Que as planícies de onde moram possa vir um pouco mais de suavidade entre as diferenças. Tudo era causticante, às 11h45min daquele dia primeiro de maio. Secas eram as pisadas sobre as folhas mortas, mas viva a voz e o pensamento, generoso.

Conhecendo as suas casas

Sábado dia, 2 de maio. Havia as poeiras e as estradas que se cruzavam. Me sentia o próprio Teseu no labirinto de Minotauro, entretanto não precisava de uma Ariadne para me guiar, estava comigo Simão, mais competente para desvendar aqueles caminhos que se cruzavam. Ia mostrando as esquerdas e as direitas. Ora passava por igrejas batistas, ora por luteranas e por casas bem feitas. Simão mostrava feliz o seu lugar de infância.

– Olha ali, Augustinho, aqui eu me criei. Lá nasceu a Frida. Mais adiante dali eu morei como agricultor. Te falei como o Braun me comprava os porcos e como me convidou para ir para a Divisa ser ferreiro. Tá vendo aquele lugar lá embaixo. Foi lá que aprendi a ser ferreiro.

E eu na direção, ora para a esquerda, ora para a direita. Mal se passara meia hora e meu mestre dos caminhos:

– Agora vai devagar que é a entrada para a casa do Fester. É na segunda casa desta estrada.

Fui indo.

– É aqui!

Tão lindo quanto a casa estava o pátio e o pomar apresentava as folhas verdes que murchavam. O Simão bateu palmas, e apareceu um senhor de idade, muito respeitoso. Pedimos pelo senhor Fester.

– Vocês se enganaram, ele mora ali adiante, na última casa dessa estrada.

Divisamos entre os sofridos verdes a casa do senhor Fester.

A família toda nos esperava. Apreciei a casa, e nela entramos. Sentamos junto à mesa onde estavam espalhados xerox que diziam da vida

deles, mas em alemão, e um livro composto pela filha Karin, e duas outras autoras.⁸ A conversa começou tímida, mas decidida. Disse mais uma vez que a minha intenção era mostrar o que em mim estava oculto, que era a história dos alemães russos que desde criança silenciosamente me acompanhavam, mas ultimamente queriam se pronunciar. Disse à Karin, ao pai e à mãe que já havia escrito sobre a Linha Divisa, mas, agora, tinha uma grande curiosidade sobre suas vidas. Havia uma espécie de desejo muito grande de descobrir a aventura maior de sair da Rússia e chegar até perto de minha casa. Como se dera a procissão dos desamparados? Que perfil humano perfaziam? Sempre para mim me agradou descobrir desenhos de bom tamanho. Assim como ao fotógrafo agradam paisagens, a mim agradam os perfis humanos. Comecei a folhear o material e agradecia o que me era mostrado. Disse que, particularmente o livro das autoras me ajudaria muito, e que pelas notícias colhidas pela manhã do dia anterior teria onde procurar. Ao afirmar que pela manhã havia me chamado atenção um senhor de fala bem feita e que ele lembrava das conversas de sua avó.

– *Ia, Ia*, falou Karin, é o Nelson Eberhardt.

– Ele é o filho do homem onde vocês estavam primeiro, falou a mãe.

– É difícil conversar com ele?

– Não, não, disse o senhor Fester.

– Será que pode vir aqui?

– Ele deve vir, falou o pai.

Imediatamente o senhor Fester saiu da sala. Mal se haviam passado quinze minutos, e veio o senhor Nelson.

– Que bom que o senhor veio, falou o Simão.

⁸ KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história: Linha dr. Pederneiras*. Horizontina: SR Indústria Gráfica.

Disse-lhe que haviam me causado ótima impressão as lembranças que tinha das narrativas de sua avó sobre a vida na Rússia.

Inicialmente, desculpou-se muito, sentido por saber tão pouco de seus antepassados. Arrependia-se de não ter sido bom ouvinte e muito menos interessado em saber mais de suas origens ditas pelas histórias de sua avó.

– *Von wo ist meine Oma her gekommen.*⁹ Hoje se pudesse perguntaria muito sobre ela, e de como viviam.

Trouxe a seguir suas memórias de sua linha e daqueles que viviam sob a mesma confissão luterana. E como sempre, tanto com ele como com os textos e outras conversas, a referência eram os pastores. Eram eles que sustentavam a unidade e a identidade principal. A confissão religiosa dos fiéis garantia os fundamentos seguros de andar sem perder o sentido da vida. Vinham generosamente oferecer a sustentação da virtude cristã. Trouxe de primeira lembrança o pastor Federico Hort que deixou escrito um livro revelando seus esforços para atender os fiéis evangélicos. Narrava:

– Visitava as comunidades todas, e ia até Santo Cristo atender os doentes. Movimentava-se montado numa mula. A chuva e o sol não impediam que cumprisse sua missão de animar e consolar. O pastor Federico escreveu um livro, e nele narra sobre uma noite que caiu numa ponte. Veio de longa distância, molhado até sua casa, chegando de madrugada. Tinha para ajudá-lo sua mulher e os filhos.

Lembrei imediatamente do que eu havia escrito em minhas memórias, mais de 24 anos atrás.¹⁰

Chegou um dia, em visita, a figura rústica do Pe. Mühl, que mais vivia sobre a mula nas picadas de Santa Catarina de que sobre suas

⁹ De onde veio minha avó?

¹⁰ BOTH Agostinho. *Pedagogia Seminarística*. Passo Fundo: Editora UPF, 1986.

próprias pernas. Tinha um rosto austero e solitário. Tudo que nele havia era solidão. A batina estava suja, em harmonia com suas velhas botas. Era um legítimo missionário sem lugar. Encurvado, apesar de forte, demonstrava as dificuldades de seu ofício. Carregando os arroios, caminha desajeitadamente no corredor. Eu me perguntava, pode haver felicidade quando se veste sem nenhuma pretensão?

Nelson ia falando mais sobre os esforços dos pastores em torno da construção de escolas e na melhoria das culturas. Orgulhava-se do pastor [Albert] Lehenbauer que introduziu o cultivo da soja. Percebia, à medida que o narrador revelava os esforços na constituição da identidade local, o mesmo que a igreja católica fizera na diocese de Passo Fundo. Testemunha disse é o texto escrito em 2001.¹¹

Mas a verdade era que o Estado foi omissos na maioria das vezes privilegiando outras camadas sociais que não estas de campesinato localizadas no Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Nesta circunstância, os sacerdotes com as lideranças souberam avaliar as formas de intervenção conformando-se às novas intenções da Igreja. Os movimentos históricos do socialismo e as levas de excedentes dos trabalhadores europeus para estas terras expulsos pela racionalidade produtivista mudaram significativamente o perfil de atuação da Igreja. Havia que se salvar a dignidade e o sopro da fé.

O que é dito em torno da formação social dos fiéis, tanto católicos como luteranos, pode-se dizer da proteção da identidade. Mais fez a igreja que o Estado para dar conta de quem eram e de quais os papéis a serem cumpridos. Enquanto os católicos tinham mediadores constituídos por santos e outros seres, os evangélicos se desdobravam em assumir a invocação e o apoio direto de Deus, todavia a última e maior esperança da

¹¹ KLEIN, O. J. & BOTH, A. *Diocese de Passo Fundo 50 anos*. Erechim: São Cristóvão, 2001.

vida pessoal e comunitária provinha de um sentido transcendental, garantido por pastores e padres.

*A igreja foi instrumento de fortalecimento de identificações com a história sagrada e com personagens tidos como heróis por sua santidade. Os santos das comunidades e seu perfil geralmente adequado às culturas das comunidades serviram de fortalecimento das identidades e da produção de segurança diante das ameaças. A fé em comum, confessada publicamente nas celebrações coletivas, mensalmente ou anualmente repetidas, apontava para a unidade e para os compromissos últimos de cada um, sustentando-os num patrimônio cultural e espiritual, densificando o seu sentido social, pessoal e transcendental.*¹²

Feitas as digressões em torno das conversas de Nelson, continuemos a ouvi-lo.

– O pastor era responsável por atender mais de dez comunidades daqui e ainda ia para Alecrim animar os outros luteranos na fé. Só pra ver o quanto não só os pastores sofriam, mas sofriam todos aqueles que necessitavam de deslocamento.

Nelson retomou em sua narrativa sobre quem eram os que moravam em Alecrim.

– Lá também morava um que viera de Wohlymien.¹³ Sei que nem todos vieram para o Brasil. Alguns dos nossos que moravam na Rússia retornaram para Alemanha, outros foram para o Canadá. Nós inclusive temos parentes no Canadá. Então eu penso que eles sofreram pressão dos nativos da Rússia. Minha avó falava dos *mugicos*.¹⁴ Ela dizia que eles não

¹² Idem, ibidem.

¹³ As razões da retirada dos alemães russos são consideradas adiante, através de um artigo do Pastor Alfredo Gutjahr.

¹⁴ **Mujique** era a denominação dada ao [camponês russo](#), normalmente antes do país adotar o regime [socialista](#) (1917). Ela indica um certo grau de [pobreza](#), uma vez que a maioria dos mujiques eram [servos](#) antes das reformas agrícolas de [1861](#). Depois desse ano, os servos receberam determinadas áreas para trabalhar a terra e se tornaram camponeses livres. Esses camponeses livres foram então conhecidos (até 1917) como mujiques.

eram muito amigos do trabalho. Os nossos antepassados, percebendo que a situação estava difícil, começaram a negociar com judeus tudo que podiam, principalmente gado e porco, já com a intenção de voltarem para Alemanha. Alguns iam a cavalo um eito, depois mais adiante vendiam também o cavalo.

Nesse momento, Nelson fez pequena pausa, e vieram-lhe lembranças muito vivas sobre as narrativas de sua avó, as quais transcrevo:

– Minha avó sempre contava que eles saíam de noite. Acendiam uma lamparina. Não sei se naquele tempo acendiam com querosene ou banha.

O seu Fester interrompeu a conversa, ajudando Nelson, dizendo que era com banha.

– Eles botaram a lamparina na janela e saíram. Eles olharam de volta sempre assim. Olharam mais até que a lamparina se apagou. Aí eles iam embora.

Interrompendo a narrativa de Nelson:

Quando ele assim falou, mal continha a minha dor, medindo a dor daqueles que se despediam de suas casas, e por lembrar de todos aqueles que ficavam enterrados com as histórias nas aldeias. O cerimonial da lamparina, ao se romperem os vínculos com o lugar e a casa, minimizava a dor, pela luz que, aos poucos, se apagava. Para alguns deles, já era a segunda retirada. A primeira foi aquela que, premidos pela fome, fez com que saíssem da Alemanha na direção leste. Vinham para comprar terras em Wolhynien, mas já era diferente da proposta oferecida por Catarina II aos menonitas, os quais se dirigiram às planícies do Volga, perto do estuário do mar Cáspio. Possivelmente faziam parte das levas de 1812 ou de 1860. A partir de então, as terras começaram a se tornar caras, inibindo outras levas. Os movimentos sociais da Rússia, de modo especial a partir de 1880, recrudesceram, ameaçando a todos e, de modo especial, os

imigrantes. Em 1905, a revolta dos pobres operários e dos mujiques tornou-se incontrolável, principalmente com o estopim do massacre em São Petersburgo. Tem-se a impressão que, como no Brasil, ao chegarem na Rússia alguns alemães, dependendo do grau de suas pequenas posses, se empregavam também nas fazendas de ricos burgueses e de nobres que detinham 25% das terras boas. Outros compravam ou recebiam pequenas posses, e aí viviam em pequenas colônias, o que, na convulsão social a partir, principalmente de 1905, chamou atenção da cobiça das massas de mujiques que se sentiam socialmente relegados. A questão está: como viviam? Por certo tinham proteção em sua fé e fortaleza nos pastores de suas paróquias, todavia não suficiente para conter a violência que começou a se instalar, já a partir de 1880.

Agora saíam não premidos pelas dificuldades industriais e da fome, mas por pressões sociais resultantes de políticas internas, e de movimentos que faziam entender aos mujiques que os alemães eram intrusos, tomando suas terras.

Pela descrição da avó de Nelson Eberhardt, percebe-se a angústia da retirada. Ouviam dos mojiques, conforme Nelson: “retirem-se agora numa boa, por que depois sairão com fogo”.

Atravessavam a Europa na direção de Bremen, cidade com leis de proteção aos imigrantes, ou para Hamburgo. Outros alemães, por certo, se ajustaram às tempestades, vindo mais tarde a trabalhar nas comunas, cooperativas rurais de trabalho, dominadas pela força estatal. Outros resistentes, é certo, foram afastados pela morte. Isso não causa admiração, pois Stalin, a partir de 1924, começou, com mão feroz, a acabar com qualquer resistência, possivelmente chegando ao seu holocausto com massacres que chegaram a matar centenas de milhares de pobres operários e trabalhadores do campo, impondo assim seu socialismo.

Voltemos às narrativas de Nelson, as quais traziam sua avó por testemunha:

– Ela aprendeu a fazer suas vestes em casa, desde o fio até a roupa. Aprendiam a ler e escrever em suas escolas particulares ou em casa, como foi aqui no início da colônia Guarani, mas minha avó aprendeu a ler por conta própria. Entre os russos, poucos sabiam ler. Os mujiques eram pobres, muito pobres, como se fossem escravos. Eram os servos das grandes propriedades. Minha avó lia muito, e o que mais faziam era ler a Bíblia. Rezavam três vezes por dia. Ainda aqui os mais velhos têm esse costume. De manhã cedo, você encontra o meu pai lendo a sua Bíblia. Minha avó sempre dizia sobre a maneira deles viverem. Tinham alguns porcos e um pouco de gado, que no inverno era levado para dentro dos galpões feitos de estuque e cobertos de palha. A madeira era coisa rara, tanto assim que cuidavam muito de suas árvores. Minha avó contou um fato muito interessante. Como as noites eram muito longas, levantavam muito antes de clarear o dia. Certa feita foi abrir o galpão, e um cachorro grande queria pegar um dos leitões. Tendo nas mãos um balaio de vime, espantava o cachorro, para que não pegasse o porquinho. Tanto espantou até que o cachorro se foi. Depois meu bisavô disse que não era o cachorro, mas sim um lobo. Tudo devia ser muito bem cuidado. Nada podia se perder. Durante o inverno, tratavam as lebres selvagens e os veados com pasto para que não morressem de fome e tivessem a possibilidade de uma caça. A caça, assim dizia minha avó, era proibida, por que os donos das grandes propriedades não permitiam isso.

Pela narrativa, chega-se à conclusão que, efetivamente, alguns viviam também numa espécie de servidão, a exemplo dos mujiques. Diante de tudo isso, chega-se à conclusão do quanto os 25 hectares recebidos no Brasil constituía-se numa fortuna de terras.

Nelson também falou sobre a existência de moinhos de vento. Curiosamente, numa das leituras sobre a vida dos alemães russos encontrei o modelo de um simpático pequeno moinho.



Em novembro de 2009, recebi de meu sobrinho Cesar Augusto, filho do meu irmão Bento, correspondência, trazendo lembranças de avós que viveram na Rússia, e recolhidas por Karin Fester. Entre elas, as memórias de Nair Preischardt, neta de Nathália Gust Gertz, que nasceu em 9 de dezembro de 1891. Assim dizia a velha senhora, conforme Nair: *Aprendíamos a ler e escrever em casa dos pais. Nossos casamentos eram arranjados pelos pais, não havendo liberdade de escolha. Aos homens cabiam os trabalhos mais pesados enquanto as mulheres levavam o gado para as pastagens, enquanto bordavam. As roupas eram feitas com costura à mão. As famílias eram numerosas. O cuidado com a saúde era feito com chás. Trabalhava-se no outono para ter um inverno mais tranquilo. Com o advento da guerra mundial, as pessoas começaram a sentir muitas dificuldades, fazendo com que as famílias se dispersassem, algumas vinham para o Brasil e outras para o Canadá e outros países. As cartas no início chegavam, mas, com o passar do tempo os endereços foram mudando e os contatos se perdiam. Vários irmãos faleciam sem ter notícias um do outro. Havia muito medo, e quando alguém demorasse na roça faziam-se simpatias para que nada ocorresse.*

Memórias de um imigrante

Junto à correspondência de Cesar Augusto, veio um surpreendente testemunho da vida de imigrantes alemães russos assim revelado:

Biografia do senhor Eduardo Muller, traduzida do alemão pela neta Olívia Dragon. Original encontrado em 2004 na casa de sua filha Vilma Baillke, Toledo, Paraná.

Eu nasci dia seis de abril de mil e oitocentos e setenta sete (6/4/1877), filho do professor Carl Muller e de Catarina Muller, nascido Hebstreit. Eu não cheguei a conhecer meu pai, pois ele faleceu quando eu tinha apenas um ano e meio de idade, em 1879. Ele era professor numa colônia na Rússia. Como mais tarde eu pude ver em seus escritos, ele também serviu num setor público e não foi apenas um simples militar. E ali faleceu da doença do tifo.

Minha mãe casou-se pela segunda vez. Eu e minha irmã, que tinha dois anos mais do que eu, tivemos um padrasto muito bom, mas em razão da pobreza fomos criados pelos avós. Quando eu fiz mais ou menos oito anos, meu avô trouxe uma cartilha e ensinou-me as primeiras letras e fui estudando o alfabeto, como era costume na época. Depois fui à escola. Aprendi com facilidade a ler e escrever, mas com dificuldades nos cálculos. O primeiro professor foi embora e veio o segundo que era mais enérgico.

Comprei, então, muito papel e escrevia sempre o que imaginava. Pesava que assim estaria aprendendo ainda mais. Isso resolvia muito pouco, uma vez que, para comprar bons livros, não tinha dinheiro ou

qualquer outro recurso. Assim sofri até aos dezenove anos. Então eu vi que nada resolvia: eu precisava estudar no colégio. Então, tomei de empréstimo algum dinheiro e fui, durante o inverno, numa escola russa, na qual aprendi um pouco mais sobre alguns textos. Não era grande coisa, mas me ajudou. Eu consegui, então, trabalhar. Meus amigos e parentes me consideravam um professor. Eu me envergonhava sempre pela falta de conhecimentos, e assim lutei até aos vinte e quatro anos.

Casei-me com uma moça boa e bonita, mas pobre como eu. Ainda bem que nós nos amávamos, e, com amor, carregamos o peso um do outro. Eu, então, podia dizer, com amor e sabedoria: ela adoçou a minha vida. Ela era fiel e eu a chamava de meu anjo. Ela, porém, pedia para não chamá-la assim. Vivemos na Rússia sete anos e meio. Surgiu, entretanto, a viagem livre para o Brasil. Para melhorar nossa vida aqui chegamos. Queríamos fazer a nossa casa, mas foi uma decepção. No ano de 1908 não era como hoje. Minha esposa teve saudades. Queria voltar, mas não me culpava por isso. Só falava ao meu irmão: se ao menos pudéssemos melhorar a vida e com isso poder voltar. O destino, porém, foi diferente. E nós sempre com as mesmas palavras: por que estamos aqui? Ela adoeceu e faleceu. Fiquei sozinho num mundo desconhecido: gente estranha e eu com dois meninos, um de seis e outro de oito anos.

Em meio às dúvidas, eu ia para minha colônia com as mãos postas e clamava: Senhor me ajuda!

Se eu pudesse eu voaria de volta para a Rússia junto aos meus parentes. Mas não era possível. Tive de ficar. Veio, então, um conhecido também da Rússia e me falou:

– Homem, você precisa se casar!

– Não, isso vai ser difícil!, eu falei.

Ele continuou a insistir, dizendo:

– Sei de uma moça que, com certeza, irá gostar de ti.

Eu pensei sobre isso, e cheguei à conclusão de que eu não poderia viver sozinho com meus guris. Fomos, então, até a casa da moça. Gostei dela. Era de pouca conversa, parecendo de bom caráter. Apenas falou: sim!

Quis ficar comigo, mesmo sendo viúvo, com dois filhos e 32 anos de idade. Casamo-nos, e começamos a trabalhar com ânimo na colônia, mas por pouco tempo. Foi então que o pastor me chamou para trabalhar numa escola. Bem nessa época, meus pais também vieram para o Brasil. Entreguei-lhes a colônia e fui professor durante dois anos numa escola, indo depois para outra, onde trabalhei por mais dois anos e meio. Depois disso fui novamente para a colônia, mas apenas por algumas semanas. Aí apareceu um comerciante e me ofereceu uma filial e tornei-me comerciante.

Foi tudo muito bem. Lucramos muito até chegar a crise do tabaco. Perdemos tudo. Iniciamos tudo novamente, mas foi difícil. Foi quando a comunidade ofereceu-me a escola, reiniciando novamente. Fiquei mais três anos como professor. Daqui em diante só Deus sabe como será.

25 de setembro de 1931.

Diversas são as questões que podem ser postas diante da trajetória de Eduardo Muller, que viveu em Laranjeira, hoje cidade de Ubiretama. A impressão que a narrativa revela é o quanto, como já foi posto, custaram os rompimentos, em termos emocionais. Não sobram muitas dúvidas sobre o desespero da primeira esposa de Eduardo. Possivelmente tenha sofrido um grave transtorno de humor, levando-a a baixar a capacidade de imunológica. O direito sagrado da ternura, em razão das políticas russas, foi ofendido, levando a que os cidadãos se tornassem vítimas da crueldade histórica imposta aos oprimidos. Faz pensar, por outro

lado, o quanto coube de esforços para criar um sentido de cidadania aos filhos dos imigrantes. Embora o Brasil não tenha cumprido as promessas, foi-lhes oferecida paz, apesar da perseguição sofrida a partir de 1940, suavizada, porém, pela possibilidade de manterem as conquistas econômicas e culturais.

Edwin Teodoro Gertz

Escrevo sobre ele como homenagem a todos alemães russos que enfrentando todas as dificuldades e dividindo a mesma fé, chegaram até as terras onduladas onde muitas espécies de animais corriam livres e as florestas tiveram que ser derrubadas para sustento de seus filhos.

Nasceu na linha Divisa, e lá cresceu. Viveu a sua infância como a maioria, dentro da austeridade religiosa e dos princípios rigorosos dos dez mandamentos e de outros costumes que a tradição luterana impunha. Quando nasceu, em 1926, as comunidades já estavam formadas, e as principais dificuldades afastadas, demonstrando-se que a educação e a fé eram boas, tendo em vista seus resultados. O trabalho duro sempre o acompanhou. Nelson, o seu Fester e esposa falavam intercaladamente:

Tinha uma serraria em sociedade com o irmão, e depois, quando o negócio já não era tão lucrativo, começou a trabalhar como agricultor. Casou-se com Erna Fester, lá da linha Silva Jardim. Não sei se respeitaram todos os costumes, uma vez que quando o casal casava punham empecilhos pelo caminho, e o noivo era obrigado a retirá-los para que pudessem dar continuidade ao passeio até a casa onde era dada uma festa. Isso eu não sei. O certo é que cavalos e carrocinha vinham cheios de flores e outros enfeites extraordinários. Tiveram dez filhos, todos saudáveis, menos uma que sofreu de paralisia infantil. O pai confiava que cuidasse das coisas da casa e dos documentos. Veio morar onde morava o senhor Reckziegel, no ano de seu casamento, 1956. Estava sempre atento em torno da educação. Respeitado por todos, participava ativamente da vida comunitária. Ele, por morar perto dos católicos, tomou deles alguns costumes como dançar.

– Nada contra isso, disse Nelson, mas não de dançarem trocando de pares. Aí mora o perigo. Depois os três continuaram. Como todos os evangélicos faziam, de manhã eram feitas uma leitura e a devoção em família. As relações eram austeras, embora fosse um homem muito simples.

– Apreciava todas as cores, menos o vermelho, por ser muito chamativa, ajudou Karin.

Nelson continuou:

– A austeridade dificilmente chegava ao ponto de usar de força. Não que esse recurso não fosse utilizado. Os filhos brincavam de carrinhos e bicicletas de madeira, mas se não obedecessem aos horários de acordo com o combinado as atitudes mudavam. A família dele gostava de andar de *Federwagen*¹⁵, puxada por cavalos bonitos. Os cavalos sempre eram fortes, mas ele apreciava de andar a pé. E dia anterior ao falecimento ainda caminhava. Gostava de conversar com todos os conhecidos.

Disso dou testemunho por ver a Igreja cheia e de como tocavam-no respeitosamente na despedida, cumprindo a tradição de seus pais. Queriam dizer em palavras o seu adeus, mas tudo estava em silêncio. Assim completou-se a entrevista daquela tarde do dia 2 de maio.

¹⁵ Carrocinha de mola.

Erguendo novamente a casa dos seus filhos

Em relação às notícias da imigração de alemães russos, lê-se no jornal *Correio do Povo* de 1909.¹⁶

Immigrantes. De 1º de janeiro do corrente anno (1909) até dia 31 de março findo, entraram no Estado 2.921 immigrants em sua maioria russos. Desses, 2.705 seguiram para a colonia Guarany; 42 para Ijuhy, 86 ficaram na cidade de Rio Grande e 88 nesta capital.

Conforme o livro *Raízes de nossa história*, alguns alemães russos já haviam se estabelecido antes de 1908. *Pelos dados que se tem, a primeira criança batizada na confessionalidade evangélica luterana na região foi Maria Beber, nascida em 22/2/1900 e batizada em 7/3/1900, sendo filha de Christoph e Frederike Brandstet Beber.* Todavia, a grande leva de imigrantes ocorreu, conforme os registros do *Correio do Povo*, pois as crescentes dificuldades da política russa fazia com que rapidamente fossem se retirando, tanto das margens do Volga como de Wolhynien.

Chegavam até Ijuí, onde havia uma casa que dava guarida até poderem se dirigir para suas respectivas colônias. Gavanham serrotes, machados e um pouco de dinheiro para iniciarem as suas atividades em suas colônias de 25 hectares. Não há notícias de aqui haver uma organização a exemplo da *Volksverein* dos católicos. Vinham somente com suas próprias forças. Esses 2.705 alemães russos começaram a se organizar em comunidades. Como de costume, iniciavam derrubando a mata. Protegiam-se em pequenos barracos rudimentares. Constituíram, assim, a

¹⁶ *Correio do Povo*, 7 de maio de 1909.

colônia Guarany, formando suas comunidades com outros imigrantes, incluindo muitos poloneses. A colônia Boa Vista formou-se dentro da colônia Guarany, precisando-se melhor o espaço dos alemães russos, hoje Linha Pederneiras, Linha 15, Linha 13 e outros lugares. Quando essa leva de imigrantes chegou a seu destino, já havia alguns vindos no ano anterior. Em relato de Olívia Dragon¹⁷ sobre a imigração alemã russa da linha Silva Jardim pode ser lido: *viajaram de trem até Ijuí e então eram levados por carroceiros de um barracão ao outro até a última estação que foi Guarani das Missões.*

Os barracões eram os lugares, as casas onde se abrigavam até dez famílias de imigrantes. Ali ficavam as mulheres e os filhos, enquanto os homens iam à procura de uma terra para se instalar. Faziam as suas casas com taquara, palmeira e capim.

*Podemos nos perguntar: Por que saíram da Rússia? A resposta é simples. Os homens deveriam voltar ao exército e treinar-se para a guerra que estava por vir.*¹⁸

O governo brasileiro havia prometido terra, moradia e transporte livre. Porém, quando aqui chegaram, não foi assim... Receberam do governo ferramentas e sementes e vales para comprar o necessário.

Tiveram que enfrentar a doença do tifo, entre outras.

Não diferentes de outros agricultores, não importando a crença, lutaram contra o abandono, abrindo suas estradas, erguendo suas igrejas e escolas para que seus filhos pudessem crescer onde pudessem ter vez e voz. Por certo, as estradas se conectavam rapidamente com outras comunidades,

¹⁷ O relato não publicado é resultado do esforço da professora Olívia com seus alunos Romeo Fehlauer, Marquite Vogel, Neusa Maria Hartmann, Adelar Wruck e Márcio João Hermes, ano 1990. A professora e os alunos tiveram a colaboração de Otilia Fitz, Hilda Ieske, Carlos Dragon, Celestina Bogorni, Alexandra Jaboski, Alvina Dombrowski e Rudolfo Stibbe.

¹⁸ Conforme relatos de pesquisadores, havia, também, outros fatores graves que levaram os alemães russos a saírem da Rússia.

permitindo dar vazão aos produtos da terra e ter o que necessitavam em suas casas.

Por ironia do destino, novamente a pátria de origem impôs muitos constrangimentos durante a segunda guerra. Não há que negar o esforço brasileiro em apoiar a ocupação das terras em toda a região noroeste do Estado, todavia os meios para a melhoria agrícola, educação, comunicação e saúde foram deixados por conta do interesse de suas comunidades. Aí reside a força dos pastores e das lideranças comunitárias. De outra parte, não pode ser afastada a humilhação causada a todas as comunidades de origem alemã nos inícios dos anos quarenta. Houve repressão austera por parte de autoridades lideradas por Artur de Carli contra os alemães. Temiam que, nessas regiões, se formasse um espaço de resistência alemã. O Brasil, de outra parte, a exemplo de Hitler, tinha em Getúlio uma radical tendência ao nacionalismo. Sem haver qualquer apoio ao aprendizado da língua portuguesa, reprimia-se de forma cruel a língua alemã. Prendia-se quem fosse pego falando alemão. Os pais proibiam a seus filhos falarem durante o trabalho da roça. Alguns deles foram levados para Santa Rosa, não sendo difícil avaliar a crueldade dos perseguidores ao obrigarem que cantassem o hino nacional brasileiro. Livros, documentos e armas eram tomados. O medo levava a que enterrassem qualquer papel que pudesse trair a origem. Somente a partir de 1938, o Estado começou a pensar em obrigar a que, em suas escolas, o conhecimento fosse ministrado em língua portuguesa, todavia, durante longos anos ainda as paróquias, tanto católicas como protestantes, deviam prover os recursos para seus professores. Cada comunidade, com o aval de padres e pastores, providenciava o magistério para suas crianças.

Voltando no tempo

Os primeiros alemães russos de crença menonita (*Wolgadeutsche*) eram um grupo que vivia próximo ao [Rio Volga](#), na [Rússia](#). Foram convidados por [Catarina II, a Grande](#), por volta de [1763](#), para colonizar o Baixo Volga, próximo ao [mar Cáspio](#), nas regiões de [Saratov](#) e [Sâmara](#). Sobre outros alemães russos, entre os quais aqueles da colônia Guarani, a referência do pastor Alfredo Gutjahr¹⁹ constitui-se em bom auxílio.

Nesse ano de 1763, 27.000 alemães, atendendo o chamado de Catarina II, migraram para a Rússia, sem impedimento algum de documento ou burocracia alfandegária que pudesse dificultar a sua entrada. As facilidades não pararam por aí. Foi-lhes doado a terra como propriedade; foi-lhes concedido isenção de impostos; foi-lhes oferecido auxílio financeiro para custear o início das atividades; aos imigrantes e aos seus descendentes foi concedida isenção do serviço militar. Além disso, foi-lhes assegurada plena liberdade religiosa, sendo permitido construir as suas igrejas e escolas; também lhes foi garantido o direito inviolável de cultivarem a sua língua materna, os seus costumes e as suas tradições. Os imigrantes alemães corresponderam a estes privilégios e a estas vantagens e prosperaram rapidamente. Todavia, mal passados cem anos e com uma comunidade de 100.000, as promessas de Catarina II começaram a não serem mais cumpridas. Nesse meio tempo outros alemães russos e de diversas crenças se deslocaram inclusive para regiões mais próximas, para as terras de Wolhynien, hoje Ucrânia. Duas novas levas, 1812 e 1862, se

¹⁹ No site <http://www.mluther.org.br/Imigracao/iracema.htm> encontra-se importantes anotações sobre os eventos das imigrações alemães russas.

dirigiram para essa nova região sob o convite do Czar Alexandre I. Em 1892 (Alexandre III), todas as colônias alemãs começaram a ser "russificadas", isto quer dizer: perderam a isenção de impostos, a isenção militar e nas escolas, além da língua alemã que vinha sendo administrada, introduziu-se também a língua russa. Esta adaptação, devido aos longos anos de vivência em solo russo, foi assimilada sem traumas. Dias mais pesados estavam chegando. Principalmente a partir de 1905, a partir do massacre em S. Petersburgo, iniciou-se uma campanha de movimento socialista, e os mujiques estavam atentos em seus interesses e nas terras já colonizadas pelos alemães russos.²⁰

Em 1861 aboliu-se a servidão e se deu ao camponês a propriedade da terra em que construía sua casa. A reforma acentuou a crise social, uma vez que a organização social baseada no mir foi rompida. A reforma de 1861 transformou o mir em uma célula administrativa, pois a comunidade era coletivamente responsável pelo pagamento da dívida ao Estado: este assumira o pagamento das indenizações aos senhores da nobreza. Ao mesmo tempo, aumentava a compra e venda de terras por elementos urbanos ou por camponeses enriquecidos saídos da própria comunidade aldeã – eram os kulaks, burguesia rural dona de terras mais vastas. Os esforços dos czares não foram suficientes. A burguesia cada vez mais rica e os mujiques cada vez mais pobres. Os servos tiveram uma liberdade sem condições de sustentar-se, e os alemães russos igualmente ficavam cada vez mais pressionados a sair pelas razões dos conflitos políticos, das restrições à religiosidade, da ameaça às propriedades e aos costumes e, principalmente, em razão da insegurança instalada em toda

20

http://www.conteudoglobal.com/cultura/revolucao_russa/index.asp?action=estrutura_socio_economica&nome=A+R%FAssia+Pr%E9-Revolucion%E1ria%3A+Estrutura+S%F3cio-Econ%F4mica

Rússia. A desestabilização gerada pelo Czar Alexandre III²¹, e, posteriormente, com a queda de seu filho Nicolau II o sonho da liberdade, garantida até então, caiu por terra. Os alemães russos que lá ficaram padeceram ainda mais.

O paraíso prometido tornou-se um inferno. Profundamente decepcionados, os nossos pais tiveram que aguentar calados o ódio e a ferrenha perseguição empreendida contra a Igreja. Logo contra eles, que no passado abandonaram a sua pátria para migrarem para um país onde pudessem praticar livremente a sua confissão, a qual, através dos séculos, cultivaram com amor e dedicação, nas igrejas, nas escolas e em suas famílias, visando transmiti-la inalterada aos seus descendentes. Cheios de tristeza, tiveram que assistir seus conceitos cristãos serem desprezados, ridicularizados e, como se isso não bastasse, eles próprios, pelo fato de pertencerem a um credo religioso, serem declarados inimigos do poder.

As igrejas foram fechadas. Muitas escolas foram arrancadas, e em seu lugar foram construídas creches. Os pais tiveram que assistir, sem nada poder fazer, aos seus filhos serem alienados dos princípios cristãos e serem doutrinados no regime comunista-marxista. Esta situação tornou-se insuportável e, a longo prazo, insustentável. As suas propriedades foram invadidas, saqueadas e desapropriadas. De proprietários passaram a operários, para não dizer escravos, nas granjas coletivas, as assim chamadas colcozes, ou kominunas. A sua autoestima e o seu orgulho de agricultores livres foi ferido ao extremo. Por isso, hoje, todo movimento seja ele político, religioso ou social, que tem por objetivo a invasão e a desapropriação, encontra nos descendentes destes imigrantes uma grande

²¹ O czar Alexandre III foi Imperador e Autocrata de Todas as Rússias, a partir do dia [13 de março de 1881](#) até sua morte, em [1894](#), e pai do último czar Nicolau II.

*resistência e um alto e sonoro não.*²² Os alemães russos, muito antes do regime comunista se instalar, sentiam a pressão para sair. Conforme testemunho das memórias de Nelson Eberhardt, os alemães russos ouviam da população nativa: saiam agora, que depois sairão sob fogo. Entre eles, aqueles que deveriam sair, em torno de 1909, vieram, depois de atravessar a atual Ucrânia e Polônia, para Hamburgo, e daí para o Brasil. Alguns deles saíam pelo porto de Bremen. Imigrantes alemães de toda ordem, ainda em 1929, passaram por Hamburgo, sendo que por aí passaram mais de 5 milhões, conforme informe da família Tietz.²³ *Em 1929 nossos antepassados viajaram escondidos em vagões de trem de carga para Hamburgo – Alemanha vindos da Ucrânia. Inicialmente foram recepcionados e ajudados pela Federação Luterana Mundial e pela Cruz Vermelha Alemã que lhes providenciou alojamento, alimentos, remédios e documentos. O local em que foram hospedados por cerca de uma semana era conhecido como “cidade dos imigrantes” construída entre: 1898 a 1901, chamada de “Ballinstadt”. Local esse composto de uma pequena vila com pavilhões de alojamentos, refeitórios, lojas, igrejas, uma sinagoga e um dispensário. Ali foram abrigados imigrantes europeus entre 1901 a 1934 enquanto aguardavam a realização de exames médicos obrigatórios, providenciavam os documentos junto às embaixadas dos países de destino e as passagens para a viagem.*

A história dos alemães russos se estende para outros países, e até para o interior da Rússia. Embora a Sibéria fosse até então conhecida e temida apenas como região de desterro e de trabalho forçado (nas minas de carvão) imposto aos infratores da lei, as suas imensas planícies eram favoráveis à agricultura e à criação de gado. Levas e mais levadas de russos e descendentes de imigrantes alemães de todas as regiões do Volga, de

²² Idem no site <http://www.mluther.org.br/Imigracao/iracema.htm> encontra-se importantes anotações sobre os eventos das imigrações alemães russas.

²³ <http://www.rtp.pt/wportal/entretenimento/familiartp/familia.php?id=10143>

Wohlymien, e da Criméia rumaram para o sul da Sibéria, a algumas centenas de quilômetros da fronteira com a China, tendo como centro referencial de comércio a cidade de Slawgorod. Muitas são as causas que levaram os alemães russos a se deslocarem para outras regiões. A política agrária se tornou rapidamente avessa aos pequenos agricultores, não sobrando outra alternativa àqueles que prezavam a liberdade religiosa e a livre iniciativa. Milhares deles, então, saíram em busca de nova chance que a história poderia conceder e, o que é certo, para 2.705 deles coube escrever a história na Colônia Guarany. Eram seus descendentes, e até alguns deles passaram em frente de minha casa em silêncio. Agora sei quem eram. Muitos de seus antepassados, por certo poderiam contar melhor de como foram sendo afastados. Os alemães russos, protagonistas da imigração, poderiam contar melhor a desgraça que caiu sobre eles. As decisões de Alexandre III em russificar a todos, em 1892, a criação do movimento dos soviets, a mobilização socialista a partir de 1905, o mal estar gerado contra os alemães pelos mujiques que buscavam igualdade de produção, o constrangimento no início da Segunda [Primeira?] Guerra Mundial, quando a Rússia, em 1914, se opôs à Tríplice Aliança, e, principalmente, a revolução Russa em 1917, acabaram definitivamente com o sonho da liberdade alemã em terras das Planícies do Volga e de Wohlymien.

Por certo, muitos alemães assumiram a identidade russa, com as consequências que a nova ideologia impunha.

Vendo de perto a colônia

Guarani

Os alemães russos, em sua grande maioria vindos em 2009, facilitaram a vinda de outros imigrantes que se dirigiam para as matas mais a oeste, formando as comunidades do *Volksverein*, tendo por divisa o lugar do mesmo nome, a partir de 1912. Em três anos, foram abertas as estradas de Santo Ângelo até Guarani, e de Guarani em direção de Santo Cristo. Mal sabia o garoto, sentado à beira da estrada na Divisa, o quanto as linhas abertas eram devidas a esses alemães russos, que já estavam acostumados a andar em caminhos perdidos na Rússia. Agora já não estão quietos, pois dizem respeito a todos que por aí passaram e ainda passam. É bom pensar sobre os esforços iniciais, desde a angústia do que lhes aconteceriam ao se tratar da quantidade e condições das terras, dos meios de produção e da construção das casas. Os primeiros meses os *imigrantes eram alojados num barracão, que era uma espécie de abrigo de lona, onde permaneciam durante a noite, pois durante o dia iam trabalhar em seus lotes de terra* (18).²⁴ Pelos relatórios, sabe-se que a primeira casinha não era mais que quatro paus erguidos, e coberta de palhas. Os machados trabalhavam a seguir, derrubando árvores, com duas intenções. Poucos anos depois, eles já serravam a madeira, para, com tábuas e caibros, erguer uma casinha mais segura, garantindo proteção das chuvas. *Parte da madeira também era aproveitada na construção de casas e galpões. Suas casas eram erguidas de forma rústica e modesta, feitas com estacas e cobertas com palhas... No*

²⁴ KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história: Linha dr. Pederneiras*. Horizontina: SR Indústria Gráfica.

interior das casas havia poucas repartições. Seus móveis eram simples, apenas tinham mesa, bancos e prateleiras presas à parede, que serviam para guardar os alimentos e os poucos utensílios (19-20). Mais tarde, cortando cepos e deles tirando lascas bem feitas, cobriam-nas com as tabuinhas. A partir dos anos cinquenta, elas passavam por novo acabamento, cobrindo-as com telhas de barro, o mesmo acontecendo com os espaços para a celebração religiosa e nas escolas. Apesar de tudo, bem melhores eram as condições do que aquelas que receberam de sua pátria de origem, ainda que apenas constituídas pelas terras e alguns instrumentos de trabalho. Não havendo uma política bem definida para a implementação do projeto de imigração, tinham apenas em suas intenções, decisões e ações o destino de suas vidas.

Em Guarani, havia um pequeno entreposto de roupas e mantimentos. Era onde os colonos da linha Divisa também se abasteciam. As estradas eram construídas pelos próprios agricultores, que escolhiam um capataz, por certo aquele que melhor sabia sobre o rumo a ser dado e a melhor forma de conservá-las. Cada agricultor dedicava alguns dias para, coletivamente, abrirem os caminhos de conexão. Esses caminhos abertos serviam também para que os agricultores do *Volkverein*²⁵, e para outros alemães russos que avançaram até Alecrim e outros lugares.

As escolas das comunidades da colônia Guarany não levaram muito tempo para serem erguidas. Os pastores tinham consciência da importância da leitura, uma vez que era um dos requisitos fundamentais dos evangélicos: que cada um fosse responsável por sua salvação, e a leitura sagrada era um dos meios para a redenção. Era forte a inspiração dos evangélicos na busca de esclarecimento. Por certo, muitos livros se perderam, quando, em 1942, começou a preocupação com o nacionalismo

²⁵ Sociedade União Popular, criada em 1912, responsável, no sul do Brasil, pelo bem-estar da comunidade católica e teuto-brasileira.

bizarro que rondava a colônia Guarani. As reuniões da comunidade eram muito importantes, tanto para atender as questões culturais, escolas, como as espirituais, as igrejas. A produção e o comércio dos produtos começaram, também, a serem levados a efeito. *As primeiras culturas implantadas foram: a mandioca, feijão, abóbora, batatinhas, milho, trigo, e, mais tarde, o arroz* (20). A alimentação inicial também foi providenciada pelo projeto de colonização, mas logo a seguir tinham que resolver a alimentação pelas culturas introduzidas. Utilizavam também da caça para prover a carne.

– Minha avó sempre contava que ela mesma saiu de casa com um saco de feijão e foi até Guarani trocar pelos mantimentos da casa, enquanto o velho avô ficava vendo a abertura de mais terra para a agricultura, segundo Eberhardt.

É fácil entender que as primeiras preocupações residiam em as comunidades terem um moinho, uma serraria, uma ferraria, uma olaria, um professor, um comerciante, um pastor, bem como os espaços comunitários da escola, da igreja, dos poteiros e das casas para reuniões menos formais. Todos os eventos baseavam-se numa história de longo tempo. Havia uma cultura comunitária que atravessava séculos e países. Todavia, cada lugar possuía sua alma e sua performance. As âncoras iniciais onde tudo se efetivava se davam pelas paróquias e pelas iniciativas dos seus pastores, dos professores e das diretorias que delineavam caminhos comuns para todos. Naturalmente, a livre iniciativa possuía seu teor contributivo para o desenvolvimento comunitário, bem como a localização geográfica dimensionava a feitura da história, privilegiando o espaço mais próximo do centro de desenvolvimento, Santo Ângelo, e seu 5º distrito, Guarani.

Pode-se dizer que em todas as comunidades fundadas para imigrantes o interesse do desenvolvimento estava em tomar conta de terras até então improdutivas e gerar digna sobrevivência. As culturas iniciais

restavam para a sobrevivência. Aos poucos, pela extensão das roças, alguns, mais diligentes, começaram a produzir alguma renda. Com a produção e venda de porcos, a partir dos anos quarenta, ainda outras rendas começaram a ser conquistadas para aquisição de outras glebas, pois vinham os filhos que necessitavam dar continuidade às suas vidas. Salienta-se a produção da soja. Essa cultura tinha sido introduzida, já em 1924, pelo pastor Albert Lehenbauer. Mas inicialmente servia para a engorda de porcos. A partir dos anos sessenta, começou a ser comercializada intensamente, ocupando todas as terras em razão de sua rentabilidade. No início dos anos 2000, principalmente, a soja não garantia mais os rendimentos anteriores. Secas e a competição internacional inibiram parcialmente a produção e a ocupação das terras pela soja. A produção de leite começou a ser introduzida, também, nos anos sessenta, e comercializada na Empresa Laticínios Mayer, de Santa Rosa. Há, hoje, uma diversidade de culturas, todavia ainda persistem, de maneira capital, a soja e o leite, algumas para a subsistência e outras para a comercialização. E, atualmente, a tecnologia, em muitas propriedades, substituiu o trabalho manual. Aos poucos, o trabalho físico foi sendo substituído, das trilhadeiras com motor à gasolina às colheitadeiras rebocadas. Hoje muitos agricultores possuem automotrizes.

Outro passo importante para o bem-estar e o desenvolvimento foi *a conquista da energia elétrica, nos anos setenta. Com muito empenho o Sr. Horst Krüger, pastor da Igreja de Cristo da Linha Pederneira, abraçou a causa e liderou um grupo de pessoas para que fosse feita a ligação da rede elétrica, que foi financiada pelo Banco do Brasil, tendo cinco anos para pagar.*²⁶ Junto com a energia elétrica, muitos outros benefícios foram sendo trazidos para o desenvolvimento comunitário.

²⁶ KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história: Linha dr. Pederneiras*. Horizontina: SR Indústria Gráfica.

De tudo que foi realizado pelos alemães russos, bem como das comunidades do *Volksverein*, destacam-se o esforço para garantir escolas e a crença religiosa para seus filhos. É bom lembrar que até o início dos anos cinquenta, as despesas todas de construção de igrejas e de escolas, salário dos professores, manutenção dos pastores e sacerdotes ficavam por conta das comunidades, apesar de Getúlio Vargas ter nacionalizado todas as escolas no ano de 1938. Os escolares recebiam em sala coletiva as quatro séries do ensino fundamental, persistindo essa realidade até meados dos anos cinquenta. Convém lembrar os procedimentos em torno das escolas e igrejas. Em KELM et alii, lê-se: *Na assembleia do dia 1º de janeiro de 1947 foi resolvido construir uma nova igreja..., sendo que a mesma foi inaugurada em abril de 1952, então a antiga capela foi reformada para o funcionamento de uma escola.* Esse costume de a igreja servir para os atos religiosos e de ensino era recorrente, também, nas comunidades católicas, afinal nada se podia perder. Era tudo com eles, pois o Estado vigiava e punia e pouco contribuía. Disso é testemunho o processo violento de abrasileirar tudo a partir de 1938. Salienta-se, também, que até os anos cinquenta, algumas escolas abrigavam, em média, sessenta alunos, tendo apenas somente um professor. Os alunos até esse período não possuíam caderno, suas anotações eram feitas em lousas de pedra, onde com lápis de pedra, faziam suas anotações. Os alunos iam até a escola de pés descalços, mesmo em dias de geada. Alguns alunos, pela distância, vinham a cavalo. *Também levavam consigo, para merenda escolar, no caso, uma fatia de pão de milho (31).*²⁷

A vida social dos alemães russos adultos reduzia-se em atividades escolares e religiosas, bem como a preparação de tais momentos. Vinham de longe, alguns até de 12 quilômetros, para os encontros de

²⁷ KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história: Linha dr. Pederneiras.* Horizontina: SR Indústria Gráfica.

preparação dos momentos festivos. Pela meia-tarde, se dirigiam às reuniões, e já tarde da noite voltavam para suas casas. Animados eram os encontros dos jovens. *A sua diversão se resumia em encontros de bate-papo, nos poteiros onde se encontravam nos domingos a tarde para cantar, brincar e namorar. Para isso chegavam a caminhar 15km e se reuniam em torno de 80 a 100 jovens* (idem, 32). Simão Dielschneider revelou o mesmo, dizendo que as reuniões dos jovens ocorriam também nas casas, favorecendo o namoro, caso que ocorreu com ele. As representações de Natal eram feitas em palcos, *e no período de Páscoa, os jovens saíam de madrugada para realizar a tradicional serenata de páscoa, tradição que se mantém até hoje* (32).

São dignos de nota os costumes de certas brincadeiras. Nos cultos à noite trocavam as rodas das carroças, mudavam os cavalos de lado e outros sustos aos incautos. Nos casamentos, *os noivos eram levados de carroça para a igreja, sendo que os cavalos e as carroças eram enfeitados com flores e laços. Ocorria também que árvores eram cortadas e estradas trancadas para atrasar os noivos* (33).

Tudo isso era feito para amenizar os dias de trabalho e as incertezas que costumavam cercar a história dos alemães russos.

Pouco se pode duvidar que a fé, a vontade e o trabalho faziam com que erguessem seus templos e suas escolas, onde buscavam garantir que não lhes faltasse Deus, e a razão bem instruída. Em suas casas a toda hora era lembrado o momento das orações. Todos punham sua confiança em Deus, uma vez que sua história entre os homens fora-lhes muito difícil. E nas noites costumavam sentar à mesa com um prato de banha, e nele um retalho de tecido aceso, para ler a sua Bíblia (34).

Dos mais velhos

As comunidades evangélicas acompanham os movimentos da Terceira Idade, todavia as atividades não incluem as reuniões dançantes. Faz parte da cultura dos evangélicos certas restrições às danças, tão difundidas entre outros grupos de idosos.

Os objetivos dos grupos entre alemães russos evangélicos seguem, via de regra, o que é posto pelo referido livro *Raízes de nossa história*, constituindo-se em: oportunizar atividades de lazer que envolvem o idoso e sua família, organizar palestras e resgatar a história desta comunidade e região.

No enterro do senhor Edwin Teodoro Gertz, chamou atenção a solidariedade em torno dos familiares, e a despedida da comunidade, que em silêncio passava ao lado do falecido. Mostrava-se um respeito muito grande pelo velho senhor que aí era velado. A autonomia das pessoas e o comportamento egocêntrico da maioria das famílias nos grandes centros urbanos ainda não contaminaram a unidade comunicativa da família rural e evangélica. A religiosidade tem um forte apelo para o respeito com os mais velhos, uma vez que a caridade cristã é tida como um valor considerável. Ainda persistem valores transcendentais, reunindo as pessoas entre si, independentemente, portanto, do grau de interesse material que possa contar. As relações próximas dão conta da comunicação, sendo os laços virtuais ainda distantes. É temerário afirmar que a cultura evangélica, com todas as virtudes da tradição cristã, resista aos apelos urbanos e da individualidade, os quais minimizam as relações familiares e, portanto, com os mais velhos. De toda a forma que se olhar, pode-se afirmar que a cultura evangélica pode animar o respeito aos mais velhos, em razão de os avós não se

deslocarem, em seus fins de semana, do núcleo familiar. Ainda os mais velhos e os filhos voltam seus olhos para a luz de suas casas, a exemplo daqueles que punham a lamparina na janela na medida em que se afastavam. A tradição em torno do cultivo da terra, aos poucos, dá lugar à atualização das culturas em centros de pesquisa e não mais no conhecimento dos avós, ressaltando-se assim maior dificuldade de aproximação intergeracional. Demonstra-se mais uma vez a importância de haver uma aproximação afetiva vigorosa a ser dada em aprendizagem pelas escolas e pelas igrejas.

Nas pedras dos falecidos e nas canções

No dia em que enterramos o seu Gertz, ouvia, curioso, algumas cantos. Karin Fester se dispôs a me alcançar as poesias dos hinos religiosos, o que de fato aconteceu dia 11/10/09. Durante a cerimônia do enterro do velho senhor, reparei nas pedras dos falecidos. Ali estavam testemunhos de princípios e crenças reveladores dos motivos principais da vida que levaram. Karin dispôs de seu tempo e recolheu inscrições nas pedras e cantos, e me entregou os testemunhos daqueles que partiram e daqueles que cantam.

Em ambas as realidades, impressionam muito o desejo e a fé de estarem melhor. Há uma nítida confissão do sofrimento pelo qual passaram. As palavras são fortes, ao abordarem os desejos de possuírem uma pátria definitiva e um justo tratamento. Todos os cantos e as inscrições apontam para um lugar reservado àqueles que puseram no Senhor a sua esperança. Na verdade, sente-se em todas as palavras a decepção em relação às questões voltadas para o cotidiano. São notáveis as expressões relacionadas à finitude humana, todavia, em contraposição, habitam palavras crentes em torno da transcendência que lhes concederá melhor destino. O sonho de haver uma terra e uma casa que os acolham é constante. Há um apelo para que Deus ponha seus filhos em algum lugar que lhes conceda paz. Não é difícil imaginar o quanto doíam as constantes peregrinações em busca de um espaço humano e social permanentes. Em tudo havia uma dissonância entre o desejável e o realizado.

Breve comentário sobre os hinos religiosos

Na canção *Em breve, em breve* pode-se ler:

Eu avisto uma terra feliz, onde irei para sempre morar. Continua o canto revelando pretensões compensadoras dos seus sofrimentos. E tão forte era a crença que definem o lugar como uma cidade real.

Em outro canto, *O caminho da vida*, revela-se mais uma vez o quanto sentem que o caminho é estreito em busca de uma terra melhor, contudo, pouco importa, pois possuem um companheiro de fé que é Cristo, que também andou por este caminho. Esses cantos eram levados a efeito em sepultamentos, o que ocorreu, em 1/5/2009, com Edwin Teodoro Gertz.

Em outras canções nota-se, de maneira recorrente, o grande apelo para uma pátria, para um lugar definitivo e, então, o coração se alegrará sem qualquer transtorno.

Com estavam acostumados a andar de um lugar para outro, em permanente incerteza: assim aconteceu-lhe na Alemanha e na Rússia. Aqui, de maneira igual, tudo estava incerto, o que se confirmou na perseguição dos anos quarenta. É esta a sensação de um dos cantos: *nós estamos em viagem, em busca de uma terra melhor, lá onde as ofensas e as dores estão completamente superadas.* Não dá para duvidar, um instante sequer, sobre a certeza de haver a superação de tudo, enquanto, na austera caminhada humana, puderem crer que tudo que aqui acontece é passageiro.

Sobre os testemunhos nas pedras

A saga dos alemães russos com suas angústias e lutas, para poder cuidar de suas vidas, não poderia ser diferente: restaria gravar o sentido

maior de suas vidas. Nas pedras brutas gravam ainda o que os motivou a ir de um lugar para outro, retirando forças em ideias que ultrapassavam os limites impostos, ora pela natureza ora pelas circunstâncias. Diversas foram as motivações para não se sentirem abandonados. E aí nas pedras, então, puseram o que os levava a enfrentar as tragédias e a intolerância.

Sabiam da fragilidade humana..., e tanto repetiam em suas vidas como nas pedras que indicavam aqueles que já partiram. Também nas pedras eu vi. *Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais.* Todavia, transpõem para muito além a disciplina de suas crenças...: bendito aquele que morre no Senhor.

Muito mais eles têm a dizer sobre as formas de lidar com a vida. Sustentados na fé, conforme indica a pedra de Hulda Redmann, atravessam seus caminhos. Lembram o que foi dito por Paulo a Timóteo. *Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.* Têm como certo o encontro de uma luz que os ilumine para além das contradições humanas, as quais viveram tão intensamente, ora na Rússia tão austera com eles, ora no Brasil, no qual podem confiar mais. A morte para eles pode até ser pensada como lucro. E pode ser feita uma rápida reflexão sobre a relação entre as despedidas feitas pelas forças sociais e econômicas que os empurravam de um lugar para o outro, e a extensão das forças espirituais. Resta pouca dúvida sobre a manutenção da linguagem e da fé religiosa como compensação das expulsões havidas. A identidade religiosa e a cultura em torno da vontade da superação eram apoiadas pelas igrejas renovadas por Lutero. Aí, nas pedras, estão nítidas as configurações da violência humana sofrida, e a fortaleza adquirida nas reuniões de apoio mútuo e do cultivo da esperança. Os símbolos em torno de uma manhã, ou

de um lugar, ou de uma casa, onde pudessem ver e estar melhor, são constantes nas pedras e nos cantos. Deram tudo de si para encontrar um espaço social. De modo especial é observada nas pedras dos primeiros moradores a dimensão das lutas e a esperança de descanso para quem andou em disciplinada vontade. Na lápide de Elly Preischardt, pode ser lido: *esforço e trabalho foi tua vida. Deus te deu descanso*. Não custa imaginar sobre a vontade maior diante de momentos como a de deixar para traz as pedras de seus familiares e o início incerto sem novas terras. Os alemães russos podiam ter certeza de pouca coisa, pois os esforços da Alemanha e da Rússia resultaram inúteis, por isso mesmo dessas terras podiam ter pouco em conta, então, salta o pensamento para a direção de uma fé inabalável... Isso é visto em Bertha Becker: *Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu*. Por certo ela tinha clara consciência sobre o resto das palavras que estavam em Isaías: *quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti*. Pois bem é isso que faz com que eles se mantenham de pé diante dos arranjos sociais impostos e mais que isso: não se lhes impõem apenas as lágrimas diante da morte. Testemunhei isso no momento que baixavam à terra o velho Gertz. Mais que uma atitude estoica diante do que é previsto, tinham uma atitude de homens de fé diante do mistério. Sempre foram afoitos diante da instável sorte humana, nada fará com que tremam diante daquele que tinham como o Senhor que reina muito além das limitações históricas.

Muitos são aqueles que foram enterrados em terra nua, e cujos nomes, por não os terem gravados em pedras, são pouco lembrados, todavia, não menos importantes foram na construção da nova terra.

A partir de 1940, surgiam nas pedras os primeiros nomes, mostrando a língua da nova terra que os recebia... Dorneles Gabatz,

Florindo Dragon. Ainda assim, permanece a fé de seus pais. *Só a certeza do reencontro preenche o vazio que deixaste em nosso coração.*

Conversa final

Ao concluir a narrativa, competem algumas palavras de despedida. Convém dizer que o encontro foi muito interessante. Acabei com o mistério de minha infância. Sei perfeitamente de onde vinham e como vieram. Sei das madrugadas. Despertos iam ao trabalho, abrindo os caminhos para outros passarem, ou tirarem de seu suor o suficiente para sua gente. Tiveram a coragem de chegar entre espantos, pois vinham carregados da violência e saudades de outros lugares. O certo é que nada, porém, afastava-os da esperança, tendo apenas em Deus o último socorro. O sofrimento social não lhes era estranho, até a morte não os assustava uma vez que andavam certos em sua fé.

O menino que fui e o homem que sou está em paz e reconhecido por ter estado de imaginação fértil e amor sincero em torno deles. Os alemães russos, até aqueles que ficaram com suas pedras abandonadas na Alemanha e na Rússia, estão presentes nesta hora, pelo aprendizado e na ternura com que habitarei a minha casa. Em cada gesto que terei estarão presentes os cuidados que tiveram com seus cavalos, com sua terra, com sua gente, e acima de tudo com o Deus protetor e fortaleza de suas casas. Pelas dores tantas, lembrarei da angústia com que deixavam seus lugares e suas preciosas lembranças. As lágrimas não serão tantas, tendo eles por companheiros.

Em mim andam livres os alemães russos. Suas histórias não serão apenas elementos do pensamento, mas virtude alegre para poder andar, sem dúvidas, sobre a importância da vida.

Por mais de um ano, me privei da intimidade de suas casas, o suficiente para tê-los para sempre.